Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa Online Utilizando a Etnografia Virtual

Luis Paulo Leopoldo Mercado – luispaulomercado@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Alagoas

Resumo

O texto discute discute a internet na pesquisa qualitativa online e a etnografia virtual nas relações espaço-temporal em contextos mediados pelas interfaces, ambientes e práticas virtuais. Aborda os fundamentos da pesquisa etnográfica virtual, a coleta de dados nesta abordagem usando entrevistas online, observação das interações nas diversas ferramentas comunicacionais, documentos digitais, diário de campo virtual, história de vida, grupos de discussão online, mapas cognitivose e registros visuais. Apresenta a análise de dados na pesquisa etnográfica virtual.

Palavras-chave: pesquisa online, etnografia virtual, abordagens da pesquisa

Introdução

A etnografia virtual (HINE, 2000) estuda as práticas sociais na Internet e o significado destas para os participantes. Permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, de maneira que a Internet seja interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade. Estuda as experiências pessoais que emergem na comunicação mediada pelo computador, especialmente nos jogos de papeis (TURKLE, 1995) a partir das observações de campo e entrevistas em profundidade realizadas na Internet.

Para Angrosino (2009), na etnografia virtual percebemos o que se passa num espaço virtual quase que da mesma forma que num espaço tradicional. A comunicação eletrônica se baseia na palavra escrita ou imagens.

O método etnográfico consiste na vivência prolongada num lugar, no qual o pesquisador compartilha plenamente a vida de uma comunidade ou grupo social. Nos espaços virtuais não conseguimos recolher todos os aspectos de uma vida em

comum, já que o que nele ocorre são interações entre pessoas que entram e saem de ambientes virtuais e estão em contextos sociais diversos e em distintas conversas simultâneas.

O processo metodológico da etnografia virtual pode agrupar-se em quatro fases, dentro das quais se realizaram diversas atividades e procedimentos: aproximação dos elementos para a interpretação do fenômeno; identificação de categorias como ferramentas para as análises; análises dos resultados: identificação de padrões; e interpretação de resultados e sínteses.

Para Cubilos (2006) a etnografia envolve estudos que tratam com a descrição cultural baseada na participação do pesquisador na vida diária de um grupo cultural definido sobre um período de tempo prolongado, descreve a cultura como conhecimento compartilhado e entendimento de sentido comum dos membros de um grupo determinado apropriado para tal cenário.

A etnografia virtual utiliza o enfoque holístico e conectivo junto com a maneira de descobrir os fenômenos (pessoais, ações e cenários), em seu contextos natural e cenários complexos, podem produzir resultados mais próximos sobre a “compreensão” do que sucede nos ambientes e contexto das comunidades virtuais, demonstrando que a Internet, pode ser objeto de estudo em si mesma, como cultura e como artefato cultural.

Para Angrosino (2009, p. 30), a etnografia “é a arte e a ciência de descrever um grupo humano: suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Os etnógrafos coletam dados sobre as experiências humanas vividas a fim de discernir padrões previsíveis e descrever instâncias de interação.

Várias pesquisas têm utilizado o método etnográfico como estratégia de pesquisa para estudar temas como a identidade e a sociabilidade online no estabelecimento de categorias online, regras de comportamento, resolução de conflitos, sentimento de pertença ao grupo, adaptando a observação participante e a realização da entrevista. Constituem estudos qualitativos, realizados a partir de técnicas de observação participante, entrevistas online e questionários por e-mail e chat, que exploram diferentes aspectos da vida social na Internet.

Fundamentos da Pesquisa Etnográfica Virtual

A etnografia virtual enfatiza a importância de compreender o mundo simbólico no qual as pessoas vivem, vendo coisas da maneira como elas vêem e captando os

sentidos que elas atribuem às suas experiências. Para fazer isso, os etnógrafos aprendem a compreender a linguagem, os conceitos e as práticas do grupo estudado.

A etnografia virtual como forma de investigação social, tem como características (HINE, 2000, 2004 e 2005; ANGROSINO, 2009): análise de dados que implica a interpretação dos significados e funções das atuações humanas, sendo expressas por meio de descrições e explicações escritas e verbais: estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas; associadas de alguma maneira, unidade social representativa para estudo; emprego de variedade de métodos e técnicas qualitativas; elaboração dos resultados da pesquisa de forma descritiva; presença constante do etnográfico no AVA; multifatorial, conduzida pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados, de natureza qualitativa ou quantitativa, para triangular uma conclusão, fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada; intensa imersão pessoal na interação mediada, que envolve a exploração do uso de meios em seu contexto; adapta-se ao propósito, práticos e reais, de explorar as relações nas interações mediadas; é indutivo, conduzido de modo a usar um acúmulo descritivo de detalhes para construir modelos gerais de teorias explicativas; é dialógico, conduzido por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas pelos informantes na medida em que elas vão se formando; as comunicações escritas e orais são reduzidas a textos escritos susceptíveis de ser interpretados com base em categorias que seguem normas de análises de conteúdo e induzem construções de complexidade crescente.

A etnografia virtual investiga “como as pessoas usam a Internet, mas também as práticas que tornam os usos da Internet significativos em contextos locais”. Segundo Hine (2005), a presença do etnógrafo no ambiente virtual se dá de forma combinada com compromisso com as interações cotidianas dos envolvidos neste espaço. O pesquisador utiliza suas interações para reduzir o estranhamento que as pessoas podem ocasionar. A etnografia virtual problematiza o uso dos espaços virtuais: o status da internet como forma de comunicação, como objeto dentro da vida das pessoas e como lugar de estabelecimento de comunidades, através dos usos, interpretados e reinterpretados, que dela se fazem.

A internet envolve conexão de formas complexas com espaços físicos que facilitam seu acesso, uma vez que depende de tecnologias que são empregadas de maneira particular segundo determinados contextos e que são adquiridas, aprendidas, interpretadas e incorporadas em seus espaços de ocorrência. Estas tecnologias mostram um alto grau de flexibilidade interpretativas.

A etnografia virtual examina como se configuram os limites e as conexões entre o virtual e o real. Este tipo de implicação envolve uma nova dimensão a exploração do uso de meios em seu contexto.

Na etnografia virtual, a mediação tecnológica está presente durante todo o processo etnográfico, tanto na observação participante como no registro e construção de dados. A mediação técnica (registro textual, em áudio, fotografia e vídeo) é chave na pesquisa etnográfica porque fixa a experiência e descontextualiza a memória do observador, criando um novo contexto para análise. Na etnografia virtual, a mediação técnica é parte constitutiva da interação observada, e, semelhantemente, não existe distância e transformação aparente entre o comportamento e seu registro, já que ambos são formados de interação textuais. A conexão entre as linhas de textos que aparecem na tela e o sentido da interação virtual.

Coleta de Dados na Etnografia Virtual

A coleta de dados na pesquisa qualitativa usando a abordagem da etnografia virtual envolve os seguintes instrumentos: entrevistas, observação das interações no AVA, histórias de vida, relatos escritos e orais, imagens, diários de campo (blogs).

Para Gibbs(2009), os dados qualitativos são essencialmentes significativos, mostram grande diversidade. Incluem qualquer forma de comunicação humana – escrita, auditiva ou visual, por comportamento, simbolismos ou artefatos culturais, que incluem: entrevistas individuais ou grupos focais online, observação participantes etnográfica, e-mail, paginas na internet, gravações de vídeos, podcast, documentos e arquivos virtuais, diários e blogs, conversas em chat, textos produzidos em wiki, fotografias/imagens.

O tipo mais comum de dado qualitativo usado na pesquisa online é o texto, que pode ser uma transcrição de entrevistas ou notas de campo de trabalho etnográfico ou outros tipos de documentos. A maior parte dos dados em áudio e vídeo é transformado em texto para ser analisado.

Os principais instrumentos de coleta de dados na pesquisa etnográfica virtual: coleta de dados no método etnográfico são:

a) Entrevistas online – para Worthen, Sandes e Fitzpatrick (2004), as entrevistas são uteis quando a finalidade da coleta de dados está pouco clara, quando é necessário obter informações em profundidade ou quando os envolvidos estão pouco receptivos a uma pesquisa por escrito. Para Angrosino (2009), a entrevista etnográfica é de

“natureza aberta, flui interativamente na conversa e acomoda disgressões que podem abrir caminhos de investigação novas, não pensadas pelo pesquisador. O membro da comunidade pode ajudar o pesquisador a reformular as questões enquanto a entrevista acontece.

O objetivo da entrevista etnográfica é sondar significados, explorar detalhes, capturar as áreas obscuras que podem fugir às questões de múltiplas escolhas que meramente se aproximam da superfície de um problema. A realização da entrevista permite a máxima espontaneidade, via e-mail, chat, fóruns ou formulários online, com objetivo de manter os participantes escrevendo sobre coisas de interesse da pesquisa e cobrir aspectos de importância para ela. As entrevistas online fornecem ao investigador a oportunidade de observar as pessoas no seu próprio meio, fornecem dados importantes, tais como dar ao pesquisador uma idéia da capacidade técnica do entrevistado. É uma maneira de legitimar dados sensíveis e ganhar o acesso às populações online da pesquisa, mas o pesquisador precisa ficar ciente que os mal entendidos da língua são freqüentes na comunicação baseada em texto.

O anonimato e a invisibilidade corporal, de entrada, podem facilitar que as pessoas entrevistadas se insiram diante de um entrevistador, independentemente do grau de conhecimento e confiança adquirida no momento da entrevista. Na entrevista através do chat, existem muitas circunstâncias dos entrevistados que são desconhecidas para o entrevistador e, portanto, a entrevista se converte num ato de fé maior que o que acontece no contexto offline, no qual sempre podemos ter em conta se o entrevistado vacila, pensa muito uma resposta ou se diretamente não quer responder.

As entrevistas online podem ocorrer de duas formas, segundo Bauer e Gastall (2002): entrevista individual e coletiva. A entrevista individual explora em profundidade o mundo da vida do individuo, mostra as experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais, recomendada quando os entrevistados são difíceis de atender. As entrevistas coletivas explora atitudes, opiniões e comportamentos, observa os processos de consenso e emergência, assuntos de interesse público ou preocupação comum.

Nas entrevistas online, os indivíduos são estimulados a interagir umas com as outras, a perguntar, a trocar histórias e a comentar sobre as experiências e os pontos de vista umas das outras. A discussão em grupo é adequada quando o entrevistador possui uma série de perguntas abertas e deseja encorajar os participantes da pesquisa a explorar os assuntos importantes para ele, em seu próprio vocabulário,

gerando suas próprias perguntas e procurando suas próprias prioridades. Quando a dinâmica do grupo funciona bem, os co-participantes atuam como co-pesquisadores, levando a pesquisa para direções novas e frequentemente inesperadas.

As entrevistas são realizadas virtualmente no meio em que realiza a etnografia. As entrevistas síncronas realiza-se com os indivíduos considerados informantes-chave. As entrevistas por e-mail tem por objetivo aprofundar o ponto de vista de outros membros do grupo, para respondê-las com entrevistas síncronas e observação.

Na condução de uma entrevista online, o pesquisador entra em contato com o(s) entrevistado(s), estabelecendo um relação amistosa, explicando a importância da entrevista. Cada participante informa para o grupo seu nome e a atividade profissional ou cargo, contando sua história, focalizando os principais aspectos relativos à formação, sua trajetória de vida e experiência profissional. A seguir, são organizados pequenos grupos de 3 ou 4 indivíduos, para discutir o tema proposto. Os grupos apresentam seus pontos de vista a todos os participantes, são incentivados a chegarem a uma conclusão, a partir da qual o pesquisador explicitará os consensos e as idéias contraditórias. Os participantes avaliam e comentam o encontro.

O pesquisador problematiza, pergunta, duvida, repetindo o que escutou quando se faz algum silêncio ou mantendo-se sem interação. Depois de uma intervenção mais significativa, procura também destacar os pontos fortes da entrevista.

Existem programas que gravam automaticamente os diálogos realizados nos espaços virtuais. As entrevistas são registradas no momento em que são realizadas, permitindo analisar a duração, o ritmo das intervenções, toda a interação, permitindo voltar atrás e reler o que já se havia dito para formular melhor a pergunta seguinte ou para, depois, uma vez finalizada a entrevista, imprimí-la e evitar assim o longo processo de transcrição.

b) Observação de interações mediadas por diversas ferramentas comunicacionais (chat, lista de discussão, fórum, MSN, vídeo-conferência, *voice* e-mail) - para Angrosino (2009), a observação considera uma explicação do cenário específico, a relação dos participantes (número, características, gênero, idade); cronologia de eventos, descrição dos comportamentos e interações, registros das interações verbais, imagens e orais.

Para Worthen, Sandes e Fitzpatrick (2004, p.515), a observação permite descobrir as atividades, reações e comportamentos dos participantes, interações e relações entre os interessados. Os registros das observações podem ser feitos em:

diário de bordo (que pode ser um blog), com notas detalhadas sobre uma questão particular, descrição sw uma realidade, posições assumidas, interações; e mapas de interações, com o registro da observação periódica dos integrantes durante determinado tempo.

Os ambientes virtuais oferecem meios para o registro da hora, tempo de conexão, relatórios dos hiperlinks ou páginas do curso percorridas, mas não podem registrar o que os indivíduos fazem quando salvam as páginas e usam de forma offline.

A observação baseia-se na leitura das mensagens enviadas aos espaços virtuais (fórum, chat, lista de discussão), apresentações pessoais, disponibilidade e tema e a leitura de mensagens dos grupos. Os grupos selecionados representaram níveis de interação diferentes. Critérios utilizados: qualidade das relações estabelecidas entre eles; número de mensagens; valorizações e indicações realizadas para consulta; e atitude diante dos problemas que surgiram no grupo.

A observação participante online foca principalmente os desempenhos e comportamentos no ambiente virtual (estatística e avaliação). O pesquisador combina a observação com a participação, sendo agente principal da pesquisa. O grau de participação é variável segundo o tipo de estudo, assumindo o pesquisador o papel de observador e em outras de participantes das interações nos ambientes virtuais. O objetivo da observação participante é documentar o não-documentado, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática online, descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano virtual.

O pesquisador participa ativamente na vida do grupo ou situação. Possibilita o acesso a dados de domínio mais privado e a captação de sutilezas e aspectos subjetivos dos indivíduos e grupos. Maiores desafios estão em que o pesquisador deve assumir identidades e papéis dentro do coletivo observado ou criar vínculos com determinados indivíduos e grupos, interferindo abertamente no fenômeno, modificando o comportamento dos indivíduos, gerando resistências e/ou alianças, cujos sentidos e implicações devem ser cuidadosamente analisados.

Possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com objetivo de observar e descobrir como é ser um membro desse mundo. São feitas anotações detalhadas em relação aos eventos testemunhados, organizadas e

classificadas de forma que o pesquisador possa descobrir os padrões de eventos que apareceram naquele mundo.

A aprendizagem colaborativa virtual é um processo social de construção de conhecimento, a partir do trabalho conjunto e o estabelecimento de objetivos comuns, se da uma reciprocidade entre um conjunto de indivíduos que sabem diferenciar e contrastar seus pontos de vista de tal maneira que cheguem a gerar um processo de construção do conhecimento.

c) Documentos digitais – são materiais que não receberam tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa. Fontes não-escritas, como: fotografias, gravações, filmes, vídeos, desenhos, pinturas, esculturas, canções, indumentárias e outros testemunhos gráficos. Para Worthen, Sandes e Fitzpatick (2004, p. 514), documentos incluem anotações pessoais ou profissionais que não foram preparadas especificamente para pesquisa ou investigação. Arquivos são documentos oficiais ou resumos de dados preparados por outros para serem analisados. Os documentos mostram as perspectivas de vários indivíduos ou instituições.

Para Flick (2009), a internet é repleta de documentos (páginas pessoais e institucionais, arquivos que podem ser baixados), jornais e revistas online. O pesquisador encontrará uma multiplicidade de sites, muitas vezes com conexão entre si ou entre sites específicos, usando hipertextos e hipermidias.

Os textos na internet são hipertextos, devido ao caráter de conexão a outros textos e também à impermanência, pois muitas páginas da internet são permanentemente atualizadas, modificadas, desaparecem e reaparecem na internet. Por isso a necessidade de sempre mencionar a data de acesso a uma página ao tratá-la como fonte.

d) Diário de Campo virtual (Blog) - jornal de pesquisa, diário de campo, construído ao longo da elaboração de um estudo. Aprofundamento reflexivo sobre as experiências vividas no campo de pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual, visando apreender, de forma profunda e pertinente, o contexto do trabalho de investigação científica.

Para Gibbs (2009, p. 45), no diário virtual, o pesquisador registra suas idéias, discussões com noções sobre membros de uma comunidade virtual, o próprio

processo de pesquisa e qualquer outra informação pertinente ao processo como um todo e à análise de dados. O diário é um documento pessoal e reflete a própria “trajetória” ao longo da pesquisa, que inclui comentários cotidianos sobre os rumos da coleta de dados e percepções, idéias e inspirações sobre a análise.

O blog como diário virtual, descreve a implicação do pesquisador, contém detalhes sobre a maneira como concebeu a pesquisa ao longo do processo de investigação, sobre a negociação de acesso ao campo de pesquisa, sobre a evolução dele ao longo de seus estudos, sobre os fracassos e erros.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo do pesquisador, o diário é utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida.

e) História de Vida - procedimentos biográficos são usados para acompanhar, orientar, suscitar ou facilitar a elaboração dos projetos pessoais de indivíduos em busca de uma orientação ou de uma reorientação profissional. Segundo Correia e Guiraud (2009, p.680), a história de vida se utiliza da autobiografia centrada em indivíduos ou grupos sociais. Se ocupa em “conhecer e aprofundar conhecimentos sobre de recuperando experiências de vida obtidas através de entrevistas que constroem uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e da trajetória dos sujeitos da pesquisa, ponderando esses fatos e sua importância em suas vidas”. A história de vida capta a visão subjetiva com a qual um mesmo ser vê a si e ao mundo, como interpreta sua conduta e a dos demais, como atribui méritos e impugna responsabilidades a si mesmo e aos outros. Essa visão subjetiva revela a negociação que toda vida requer entre as tendências repressivas da pessoa e as exigências de racionalidade para acomodar-se ao mundo exterior.

f) Grupos de Discussão Online - os processos interativos, discursivos e coletivos que estão por trás das opiniões, representações e significados elaborados pelos sujeitos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico ou quando interpretados com base em categorias metateóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica.

Os grupo focais de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. O uso de grupos focais tem objetivo de revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em

discussão. Os participantes possuem alguma característica em comum, como membros da mesma comunidade. Procedimento investigativo que se aproxima a uma entrevista coletiva. Significa centrar o foco da coleta de dados num ou mais grupos específicos, ou explorar um foco, um aspecto específico de uma questão a partir de um ou mais grupos. Sua utilização pressupõe a opção por coletar dados com ênfase não nas pessoas individualmente, mas no indivíduo enquanto componente de um grupo.

Para Worthen, Sandes e Fitzpatrick (2004, p. 511), os grupos focais permitem a sondagem e a reação a novas idéias geradas pelo grupo, mas existe o risco de tendenciosidade, devido a participação dos mais interessados ou incomodados pelo programa ou dos que têm mais tempo livre para despender num grupo focal virtual.

A discussão nos grupos focais acontece entre entrevistador e entrevistados; entre os próprios participantes. Os participantes podem escrever quais são suas reações ao que experimentaram ou ao que o pesquisador está considerando, que mudanças seriam as melhores para eles e que circunstâncias de sua vida, crenças ou atitudes suas facilitariam ou atrapalhariam o êxito do seu programa.

Os grupos focais são compostos de 8 a 12 indivíduos desconhecidos entre si, que compartilham características homogêneas. O moderador (pesquisador) facilita a discussão fazendo as perguntas iniciais e outras periódicas, equilibrando as respostas dos membros mais tímidos e encorajando a participação de todos. Nos grupos focais em tempo real, o número de participantes deve ser limitado, uma vez que o número muito grande de participantes poderia tornar a discussão no grupo demasiadamente rápida e superficial.

Para Flick (2009), os grupos focais online não necessitam que todos os participantes estejam online simultaneamente, evitando a necessidade de coordenar essa condição. As pessoas tem tempo para responder ao solicitado. As intervenções de cada participante são dirigidos a um site de conferência e armazenadas em uma pasta de arquivos a que todos os participantes tenham acesso. Essa forma de acesso deve ser fácil aos participantes.

Nos grupos online, pode-se lidar com a questão dos participantes ou da dinâmica de grupos mais facilmente (principalmente nos grupos assíncronos), mas isto poderá também tornar-se um problema. Os participantes tímidos podem hesitar em interagir caso sintam-se inseguros quanto ao procedimento ou à questão, mas o pesquisador terá mais opções para intervir e trabalhar nesse problema do que nos grupos focais normais.

O maior anonimato permitido pelo uso de nicknames, apelidos, durante a discussão, pode facilitar mais as revelações tópicas dos participantes. É importante que o pesquisador escolha um tópico para a discussão que seja relevante para o grupo e para os participantes do estudo, de maneira que seja atraente para eles juntarem-se ao grupo e à discussão. É importante que o pesquisador encontre grupos para os quais seus assuntos de pesquisa sejam relevantes, a fim de obter discussões proveitosas e dados interessantes.

Nos grupos focais online, pode-se lidar mais facilmente com o problema dos participantes reservados. Pode-se produzir interações de grupo entre pessoas com anonimato e segurança quanto a serem identificados por outros participantes ou mesmo pelo pesquisador, o que pode levar à obtenção de mais revelações do que nos grupos do mundo real. A documentação dos dados é facilitada, sendo que as possíveis perdas de contribuições em virtude de problemas para escutar as gravações põem ser reduzidas.

Os grupos focais online podem ser afetados pela influência externa sobre os participantes da pesquisa em seus contextos diários, o que pode levar a desistências ou distrações e a influências nos dados e em sua qualidade, o que é muito difícil para o pesquisador conseguir controlar. Os problemas técnicos na conexão online de umou mais participante pode perturbar a discussão e inluir na qualidade dos dados. A aplicação dessa abordagem é limitada às pessoas aptas e dispostas a usar a comunicação mediada pelo computador ou por este tipo de tecnologia e de comunicação em geral.

No chat, o grupo de opinião se aproxima da entrevista coletiva, que deve ser conduzida por um coordenador com bom preparo e clareza em relação ao projeto de pesquisa. O grupo deve ser homogêneo e, de preferência, com sete a doze componentes. É necessário que a condução seja feita com base num roteiro previamente estabelecido, mesmo com a inserção de questões circunstanciais.

Em cada sessão é mantido um contato prévio com o professor da turma para acerto sobre a atividade a ser desenvolvida; em cada sala eram explicitados aos alunos os objetivos, enfoque da pesquisa e verificado o interesse deles em colaborar, informando que apenas um grupo de, aproximadamente, dez alunos seria escolhido alheatoriamente. Uma vez convidado, o pequeno grupo reúne-se com o investigador em sala separada, na qual são fornecidos detalhes sobre a pesquisa e esclarecimentos sobre o desenvolvimento do “grupo de opinião”.

No decorrer das sessões são propostas questões que levem os sujeitos a rememorar a trajetória de formações na licenciatura, a elaborar e emitir juízos sobre a importância dos saberes docentes e da identidade profissional que se buscam desenvolver nos cursos, em confronto com a prática que conhecem ou que atuam.

Para Pope e Mays (2009), o grupo focal é um tipo de entrevista em grupo que valoriza a comunicação entre os participantes da pesquisa a fim de gerar dados. Permite a coleta de dados de diversas pessoas simultaneamente, valorizando a interação grupal para fornecer diferentes tipos de dados.

No grupo focal, as pessoas são estimuladas a falar uma com as outras, a perguntar, a trocar histórias e a comentar sobre as experiências e os pontos de vistas uma das outras.

Para Barbour (2009) nos grupos focais online, os participantes não se encontram realmente, mas são reunidos por e-mail, videoconferência, grupos online e utilização de materiais produzidos naturalmente que estão disponíveis em sites de discussão na internet.

Oferecem economias em termos de recrutamento, custos de viagem e transcrição. Podem ser usados simplesmente para elaborar um conjunto amostral para uma pesquisa qualitativa convencional.

g) Mapas Cognitivos - podem ser utilizados para construir pesquisa de informação, contribuir para construir conhecimentos e facilitar a aprendizagem. Quando informações relevantes e significativas estão bem mapeadas, o pesquisador consegue imergir com mais profundidade, ter visão das partes e do todo e assim pode fazer uma análise com mais rigor e qualidade. Isso favorece a conexão de teorias e práticas e também novos *insights*, inclusive cria circunstâncias para novas emergências. Para Okada, Santos e Okada (2005), a cartografia cognitiva permite visualizar as diversas conexões, de vários ângulos e níveis, o que favorece a observação de trajetórias percorridas e a percorrer, a visualização das articulações feitas no ambiente virtual.

Os mapas cognitivos possibilitam reunir um corpus de investigação de forma mais organizada e estratégica. O mapeamento da informação possibilita definir trilhas mais produtivas para pesquisa. Utiliza memorial reflexivo, blog, produções em portfólios/webfólios. O memorial permite: reconhecer o ocorrido em sua ação, o que serviu de instrumento de investigação e reflexão; ajudar os pesquisadores a tomarem decisões de intervenção e encaminhamento das atividades baseadas no processo de desenvolvimento do pesquisador/cursista; subsidiar a elaboração do trabalho final

individual no que se refee a reflexão e auto-avaliação da cartografia durante o curso, baseado nas diversas versões do memorial; visualizar uma estrutura conceitual e suas diversas relações. Além disso, os mapas facilitam a navegação e permitem estabelecimento de outras novas conexões.

h) Registros Visuais - para Flick (2009b), a utilização de imagens e filmes na pesquisa qualitativa como dados ou para documentá-los é muito utilizada. Observa-se um uso cada vez mais freqüente de material visual ou solicitar aos participantes para que gravem aspectos, a pesquisa do relevantes do mundo em que vivem. É o olhar do sujeito pesquisado. Os pesquisadores podem produzir vídeos ou fotos e os analisar, ou podem usar materiais produzidos por membros do campo em estudo (materiais do dia-a-dia). Para Flick (2009), os dados visuais possibilitam novas formas de documentação visual pelos membros das comunidades virtuais ou pesquisador.

Os dados visuais são materiais existentes ou podem ser produzidos para a finalidade da pesquisa, como fotografias e gravações em vídeo. Nas fotografias, o uso de câmeras permite gravações detalhadas de fatos, além de permitir uma apresentação mais abrangente e holística. Captam fatos e processos que sejam muito rápidos ou muito complexos ao olho humano. Permanecem disponíveis a outras pessoas, podendo ser reanalisadas. As gravações em vídeo permitem documentar experiências. Pode ser usada de diferentes maneiras: utilização de câmera de vídeo para documentar a interação numa entrevista; registro científico de situações sociais naturais e experimentais; situações reais gravadas pelos atores; situações propostas gravadas pelos atores; situações gravadas e editadas por profissionais. O vídeo permite a captura de uma maior quantidade de aspectos e detalhes do que aqueles apreendidos por observadores participantes em notas de campo. A gravação em vídeo permite a observação refletida de situações transitórias.

Análise de Dados na Pesquisa Etnografia Virtual

Análise e triangulação dos dados obtidos durante o processo etnográfico, são extraídos diferentes resultados em relação a dimensão social dos grupos colaborativos virtuais. Na análise dos dados identifica-se elementos que afetam o uso e forma dos recursos sociais, ainda que não responderam diretamente as perguntas da pesquisa planejada.

A análise tem interesse comparativo aliado ao interesse na descrição holística da cena, do evento social, e/ou da interação grupal a que se propõe investigar.

Procura-se identificar o significado nas relações sociais do ambiente virtual, linguagem e interações.

Inicia por uma leitura flutuante por meio da qual o pesquisador, num trabalho gradual de apropriação do texto, estabelece várias idas e vindas entre o documento analisado e as suas próprias anotações, até que comecem a emergir os contornos de suas primeiras unidades de sentido.

Análise dos dados qualitativos é efetuada por meio de texto narrativo que traça a relação da teoria adotada com os aspectos observados nos dados. A análise de conteúdos, segundo Worthen, Sandes e Fitzpatrick (2004), é usada para descrever, analisar e resumir tendências observadas em documentos escritos e nas interações nas diversas interfaces da internet, em dados coletados por meio de grupos focais, entrevistas e anotações de campo.

A análise de conteúdo, realizada em informações obtidas mediante processos de pesquisa e avaliação, tem sua origem na adoção de instrumentos constituídos por questões “abertas” (aquelas cujas respostas são construídas pelo respondente).

A criação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo. A categorização gera classes que reúnem um grupo de elementos da unidade de registro. As classes são copiladas a partir da correspondência entre a significação, a lógica do senso comum e a orientação teórica do pesquisador. Uma categoria deve suscitar a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e fidelidade e a produtividade, destacando: coerência e simplicidade do referencial de codificação, transparência da documentação, fidedignidade, validação, boa resolução dos três principais dilemas estabelecidos na análise de conteúdo.

As categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Infere-se, pois das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de escola, de indivíduo, sociedade.

A transparência dos dados coletados exige do pesquisador a construção de registros explicativos dos procedimentos e decisões tomadas no curso da análise de conteúdo.

Os registros necessários compreendem lista sumária das categorias: distribuição das freqüências com a devida numeração e definição; e o caderno de códigos, definido como uma unidade de texto ilustrativa que se aplica a cada categoria. Ainda é preciso assegurar a discussão sobre como o pesquisador tratou a questão da fidedignidade da codificação e do tempo exigido para que tal processo fosse considerado aceitável.

Uma outra maneira de tratar os dados de espaços virtuais é a análise estatística, da distribuição de freqüências no ambiente virtual fornece um parâmetro estatístico preliminar para a avaliação do padrão de respostas obtido. Modelos estatísticos multivariados surgem como procedimentos adequados para fundamentar a interpretação dos resultados e testar a sua consistência.

A pesquisa etnográfica virtual traz alguns desafios éticos a pesquisa, segundo Lankshear (2008): necessidade do consentimento informado e proteção da privacidade e sigilo, o que geral dificuldade na assinatura e visualização cara a cara, podendo ser questionada a autoria e identidade real; embora a internet seja um espaço público, livre e democrático, as pessoas que a “habitam” são indivíduos que têm os mesmos direitos que em lugares convencionais. Faltam regras éticas abrangentes aplicáveis à pesquisa online; a pesquisa baseada na análise de conteúdos de site público não precisa apresentar um problema ético e é aceitável citar mensagens enviadas para páginas de mensagens públicas, desde que as citações não sejam identificadas; os membros de uma comunidade virtual devem ser informados se o pesquisador estiver online observando suas atividades para fim de pesquisa; os membros de uma comunidade virtual sob observação devem ter a garantia de que o pesquisador não usará nomes reais, endereços de e-mail ou qualquer outra marca de identificação em qualquer publicação baseada na pesquisa; se o grupo online tiver definido suas regras de entrada e participação no grupo, essas normas devem ser respeitadas pelo pesquisador quando pretender fazer observação participante.

Alguns pesquisadores adotam a prática de compartilhar relatórios de pesquisa para comentários dos membros da comunidade virtual. Com isso, permite que os membros ajudem a decidir como os comentários devem ser usados, transformando os informantes em colaboradores autorizados.

Considerações Finais

A interatividade gerada nas interações nos espaços virtuais permite reconstruir as formas de intercâmbio simbólico da práxis social real, percebe e interpreta o objeto de estudo a partir de seu contexto e permite reconstruir essa realidade com base nas próprias participações de seus protagonistas.

Conhecer e compreender o que sucede nos processos de interação dos grupos de discussão eletrônico partindo da perspectiva cronológica que aborda a troca e

reconstrução de significados entre os participantes a partir da troca e decodificação de mensagens.

O pesquisador é parte do contexto e do cenário no qual se desenvolve a pesquisa; nos fóruns observados geralmente é o tutor dos grupos selecionados como amostra. É um observador permanente cujo interesse no tema de investigação surge como resultado da reflexão derivado de sua prática como tutor dos cursos a distância; dos questionamentos surgidos durante o processo em relação com a utilidade dos espaços eletrônicos de aprendizagem.

Na etnografia virtual a mediação tecnológica está presente durante todo o processo etnográfico, tanto na observação participante como no registro e construção dos dados (MILLER e SLATER, 2004). A mediação técnica (registro textual, no áudio, fotografia e vídeo) é chave na pesquisa etnográfica porque fixa a experiência e descontextualizada da memória do observador, criando um novo contexto para a análise.

Os espaços virtuais oferecem a vantagem do trabalho diferenciado, ou seja, pode-se acessar um fórum e a sua dinâmica inclusive quando esta tem desaparecido ou encerrado. Em muitos espaços existe um registro que permanece no tempo e que permite seu acesso. Podemos acessar o fórum que funcionou há anos, neles permanecem colocadas as mensagens, tal como foram enviadas. As ferramentas de interação permitem que os informantes apareçam dentro da etnografia e que podem estar ausentes. Do mesmo modo, o etnógrafo pode estar ausente ou presente junto a seus informantes. Estes espaços facilitam que estas relações possam desprender-se ou move-se através de diferentes divisões espaciais e temporais.

Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBOUR, Roslaine. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

CORREA, Rosa L.; GUIRAUD, Luciene. Possibilidades e limites de história de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. **Rev.DiálogoEduc,** Curitiba, v.9, n. 28, p. 671-686, set/dez, 2009.

CUBILOS, Mariela Ferrada. Etnografia um enfoque para la investigación de weblogs en biblioteconomía y documentación. **Biblios.** Ano 7, n 23, jan-mar. 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

_____. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009b

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.**Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOUR, Roslaine. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUTIERREZ, Suzana. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. Caxambu, 32ª. Reunião Anual da ANPED, 2009.

HAMMAN. Robin. **A aplicação da metodologia de etnográfico no estudo do cibersexo.** Disponível em http://www.socio.demon.co.uk/magazine/1/methods_portuguese.html. Acesso em 08 ago 06.

HINE, Chistine. **Virtual ethnography.** London: Sage, 2000.

_____. **Virtual methods:** issues in social research on the internet. New York: Berg Publishers, 2005.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica:** do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line**:** cybercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan/jun.2004

OKADA, Alexandra; SANTOS, Edméa; OKADA, Saburo. Mapeando informação, trilhando e construindo redes de significados: notas sobre uma experiência de pesquisa e docência em educação online. **Revista Faeeba** – Educação e Contemporaneidade, nº 14, 23. Salvador, Jan/Jun. 2005. p. 73-90.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção a saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

TURKLE, S**. La vida en pantalla:** la identidad en la era de Internet. Barcelona: Paidós, 1997.

VAZ, Carlos et AL. Técnicas de recolha de dados em investigação qualitativa. Coimbra, **Anais do Simpósio Internacional de Informatica Educativa**, 2009.

WORTHEN, Baline R.; SANDERS, James R.; FITZPARIC, Jody L. **Avaliação de programas:** concepção e práticas. São Paulo: Gente, 2004.